

ANTÓNIO MARIA (O) – Jornal de humor político, editado e dirigido por Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905), e que conheceu duas séries: a primeira, entre **Junho de 1879 e Janeiro de 1885**; a segunda, entre **Março de 1891 e Julho de 1898**. Uma tão prolongada existência torna-o contemporâneo e testemunha não só do período áureo do «rotativismo» (2ª fase) que caracterizou a monarquia constitucional, mas também do seu progressivo esgotamento, por força de um conjunto de práticas que o desvirtuaram como sistema político, mantendo no poder as mesmas elites. Em paralelo, verifica-se a crescente expansão e influência de um movimento republicano que, aliás, está representado na Câmara de Deputados, a partir de 1879.

De facto, com a formação do Partido Progressista, em 1876, por fusão da oposição histórica e reformista, criava-se uma alternativa “credível” para o sucesso político do Partido Regenerador, de Fontes Pereira de Melo, ao mesmo tempo que se retirava expressão aos recém-formados Partidos Socialista (1875) e Republicano (1876).

A eficácia do «rotativismo» só é compreensível à luz da natureza dos principais partidos naquela época: no fundamental, eram uma espécie de clubes de notáveis (locais, regionais e nacionais) disponíveis, na maioria das vezes, para fornecer apoio eleitoral em troca de benefícios. Assim, os governos não resistiam à tentação de criar maiorias parlamentares que lhes fossem favoráveis, usando o próprio aparelho do Estado. O centro de excelência desta “correia de ignição” era o ministério do Reino apoiado na sua rede de governadores civis.

À parte os desacordos pontuais e a vontade de manutenção do poder, ambos os partidos (progressista e regenerador) congregavam as elites em torno de um projecto de desenvolvimento do país assente nos «melhoramentos materiais».

É todo este ambiente político e os seus principais protagonistas, bem como o cenário social de fundo, que constitui a matéria d’ *O António Maria*, como é anunciado no “editorial” do **primeiro número, lançado em 12 de Junho de 1876**, alguns dias depois da criação de um ministério progressista, sob o comando de Anselmo Braancamp Freire: «Tratar-se-ha aqui *com a maior imparcialidade*, do ultimo discurso proferido no seio do parlamento, da ultima navalhada vibrada nas entranhas de Alfama, ou da ultima trova desferida sob *os laranjaes em flor*, uma vez que essa voz, essa navalhada, e esse cântico, representem uma nota qualquer do monótono concerto político, social e religioso em que uma orchestra de cinco milhões de habitantes, sentada á beira-mar, executa ha uns poucos de seculos a mesma musica patriótica, alternando uma vez por outra os *Lusíadas* com o *hymno da Carta*.»

É este **programa editorial ambicioso**, próximo da **micro-história**, que será desenvolvido semanalmente pela mestria gráfica e literária de RBP, coadjuvado por diversos colaboradores, que faz d’ *O António Maria* uma crónica única sobre a sociedade portuguesa no último quartel do século XIX e, conseqüentemente, uma fonte de informação inesgotável.

Inicialmente, impresso na tipografia do Matos Moreira, e a partir de Dezembro de 1879 na litografia de Justino Guedes e tipografia de Lallemand Frères, *O António Maria* é posto à venda todas as quintas-feiras, com um preço diferenciado para Continente/Ilhas e para o Brasil e para assinaturas (anuais, bianuais, etc.) ou venda avulso. Neste último caso, o preço é de **60 réis**,

Metade das **8 páginas** disponíveis, as chamadas páginas nobres (primeira, centrais e última), eram, na maioria dos casos, totalmente ocupadas com ilustrações, eventualmente acompanhadas de pequenos textos. É também evidente o cuidado que RBP punha no tratamento gráfico da página, que é abordada como um todo. A organização e o equilíbrio entre os diversos elementos que compõem a página – os textos, em prosa ou em verso e quase sempre dotados de título, as ilustrações e as legendas – conferem-lhe uma leveza e frescura que facilita e convida à leitura. No mesmo sentido, actuam as “secções” bem identificadas, como «A Corda Bamba», «Simphonias» e «António Maria nos Espectáculos».

Entre os colaboradores com que Rafael Bordalo Pinheiro conta para a edição d’ *O António Maria* destacam-se: o poeta Guilherme de Azevedo (que usa o pseudónimo João Rialto), Ramalho Ortigão (João Ribaixo), Alfredo Morais Pinto (Pan-Tarântula), João Broa, Emílio Pimentel, Enrique Casanova, António Ramalho, Ribeiro Cristino, Columbano Bordalo Pinheiro, Manuel Gustavo, entre outros personalidades que marcaram o panorama das artes e das letras nacionais

Por detrás desta preocupação estaria não só a sensibilidade e vocação artística do editor, como a própria natureza da publicação. Como era comum na época, *O António Maria* **destinava-se a ser coleccionado**, como resulta claro da numeração continua das suas páginas ao longo de cada ano e da referência em rodapé ao número do «Volume» ou «Ano». A primeira série d’ *O António Maria* totaliza, assim, seis volumes, cada um com 52 edições semanais, as quais acrescem alguns suplementos ou edições extra (por exemplo, a 19 de Outubro de 1879, um Domingo, sai um número dedicado às actividades preparatórias do acto eleitoral que dará a vitória aos progressistas). A segunda série obedece, no essencial, à mesma periodicidade.

A partir de Outubro de 1879, as secções atrás referidas tendem a desaparecer e regista-se um peso crescente das ilustrações em detrimento dos textos: as sequências narrativas (bandas desenhadas) tornam-se dominantes. A partir de 1883, pelo menos, a publicação passa a integrar uma capilha com publicidade. Este “espaço” é, inclusivamente, utilizado por Rafael Bordalo Pinheiro para promover outros produtos da sua lavra como, o «Almanach do Antonio Maria» ou o «Album das Glorias».

Contrariando a tendência evolutiva da imprensa em Portugal, a partir de 1851, que se consubstancia no desenvolvimento de um jornalismo “noticioso” ou “objectivo”, sustentado por grupos financeiros e não por filiação partidária, *O António Maria* é uma publicação com objectivos de intervenção na sociedade, de formação da opinião pública. Faz é uso de uma estratégia diferente: **usa a sátira, a ironia, enfim, o humor, para denunciar a mentalidade egoísta e**

corrupta das elites, que estava na origem do desvirtuamento do sistema político vigente, reduzindo-o a um jogo viciado.

Daí que a sua crítica, as suas «farpas», sejam preferencialmente orientadas para a classe política dominante, ou seja para os que rotativamente partilhavam a governação. Posição claramente assumida logo no editorial do primeiro número, onde RBP afirma que «não tem outro remédio, na maioria dos casos, senão ser oposição declarada e franca aos governos, e oposição aberta e systematica ás *opposições*».

Os que estão no poder procuram aí perpetuar-se, não se coibindo de usar métodos pouco ortodoxos, como RBP não se cansava de denunciar: A 1 de Novembro de 1883, é nestes termos que se refere ao método usado para “mobilizar” eleitores: «Os cinco sentidos eleitorais - primeiro vê-se uma caravela de doze (dinheiro); depois ouve-se uma promessa tentadora...; mais tarde cheira-se o carneiro com batatas; em seguida gosta-se do torreano (vinho) de 80 réis o litro, e por fim apalpa-se o chão com as costelas. E aqui está como se vota».

Toda a “nata” política do último quartel do século XIX está caricaturada nas páginas d’ *O António Maria*. Assim como estão os agentes das artes e da literatura, enfim, a intelectualidade da época. RBP tinha, naturalmente, algumas vítimas predilectas, entre as quais se evidencia António Maria Fontes Pereira de Melo, chefe do Partido Regenerador, que inspira o nome da própria publicação.

A viabilidade de uma publicação com as características d’ *O António Maria* está naturalmente dependente quer do sucesso que alcança junto do público, quer da existência de liberdade de expressão. Se os onze anos de vida que alcançou bem como a sua tiragem média (7.000 exemplares) deixam resolvida a primeira variável (a aceitação pelo público), a sua interrupção abrupta, em 21 de Janeiro de 1885, lança algumas dúvidas sobre a segunda variável (a que se reporta à liberdade de expressão). E o humor enigmático empregue por RBP no editorial que abre a 2ª série só pode aumentar as reservas: «*O Antonio Maria* esteve interrompido durante alguns annos por muitas e complicadissimas razões de familia, que as conveniencias policiaes e a razão d’ Estado não permitem que nós tornemos publicas...»

De facto, *O António Maria* atravessa períodos de maior e menor liberdade de expressão ao longo da sua existência. E se nos primeiros anos a tolerância e abertura são grandes, a partir de Março de 1881, progressivamente, os governantes vão adoptando medidas repressivas como resposta ao crescente descontentamento social. A imprensa é, obviamente, um dos alvos dessa política, que ficaram conhecidas por «portarias surdas» e «portarias mudas».

Em 1884, o governo avança com uma reforma da lei penal, da qual resultam graves limitações à liberdade de Imprensa. A iniciativa deu origem a um protesto generalizado e foi objecto de comentários nas edições de Abril, d’*O António Maria*: «Na camara dos deputados discute-se a reforma do código penal, producto das locubrações do sr. ministro da justiça, que pretende lacrar

a rolha na botelha da imprensa certamente reccioso de que, entre a espuma que lhe espadana do gargalo, alguém reconheça as *borbulhas* de s. ex^a...»

É este ambiente repressivo, perante o qual a generalidade dos jornalistas adopta uma atitude passiva, que levará RBP pôr fim ao António Maria, como aliás explica no último número, de 21 de Janeiro: «Quando na reunião dos jornalistas propuz que as redacções de todos os periódicos fechassem por oito dias as suas portas, em desaggravo da vergonhosa situação em que o governo havia collocado a imprensa portugueza, alguém sorrio, lembrando-se que o ANTONIO MARIA, como folha semanal, em nada prejudicaria os seus interesses com essa resolução. Já vêem que levo mais longe a execução da minha proposta: o ANTONIO MARIA fecha as suas portas em signal de luto, e fecha-as para sempre.» RBP reavaliará esta sua posição. *O António Maria* reaparecerá em Março de 1891, iniciando uma segunda série que somará sete anos de vida. E, durante os cinco anos de intervalo entre as duas séries, lançou o título «Os pontos nos ii».

Bibliografia: DEUS, António Dias de, *Os Comics em Portugal: uma história da banda desenhada* (revista e actualizada por Leonardo de Sá), Lisboa, Edições Cotovia/Bedeteca de Lisboa, 1997; FRANÇA, José-Augusto, *Rafael Bordalo Pinheiro. O Português Tal e Qual*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1981; MATOS, Álvaro Costa de, *A Rolha... política e imprensa na obra humorística de Rafael Bordalo Pinheiro*, Lisboa, Hemeroteca Municipal, 2005; SOUSA, Osvaldo de, *A Caricatura Política em Portugal*, Lisboa, Edição Salão Nacional de Caricatura, 1991; TENGARRINHA, José, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2.^a Edição, Lisboa, Caminho, 1989;

Rita Correia
(27.10.2006)